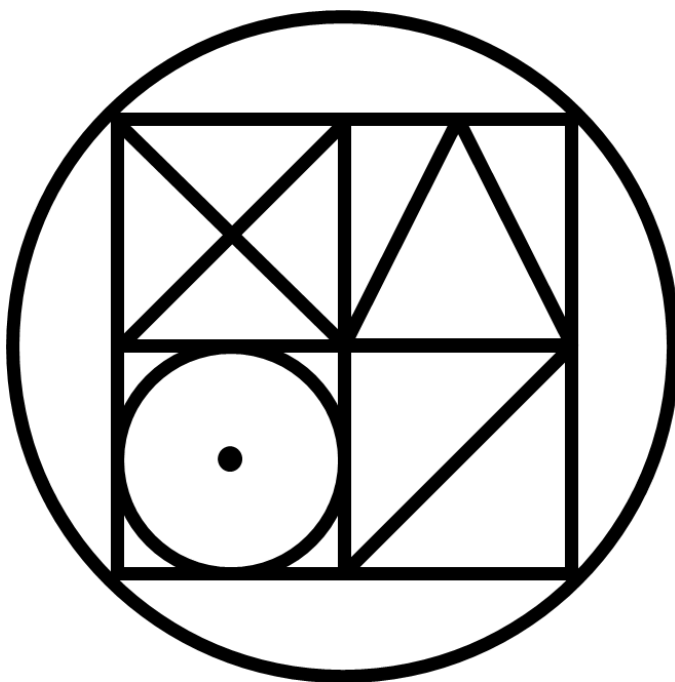




Projeto Xaoz

Instrumentos Mágicos

Varinha, adaga, taça, pantáculo, espelho, vassoura, grimório, UFA! Quanta coisa é preciso pra fazer bruxarias! Mas será que precisa mesmo? Vem com a gente que vamos falar sobre os principais instrumentos da magia, seus significados arquetípicos, mitologias, histórico e dicas para fazer, consagrar e utilizar cada um deles.

SAGRADO VS. PROFANO?



A busca pela magia é necessariamente a busca pelo transcendental. Ao mesmo tempo, a gente pode perceber que a magia é uma atividade que também tem um âmbito natural, além do possível âmbito sobrenatural.

Isso implica dizer que a arte da consagração é fundamental para conectar estes âmbitos na magia. Trazer o transcendental para um objeto ou lugar naturais, ou ativar e manifestar o aspecto transcendental do seu objeto ou lugar é uma habilidade básica de magistas. É uma jornada de desenvolvimento que vai do identificar até o operar, um desenvolvimento sem data para acabar.

Quando falamos do sagrado, estamos, necessariamente, falando do profano. O exercício de conectar os dois planos em um objeto, na consagração, é saber transitar entre planos e conceitos. O uso dos símbolos, ingredientes, horários, locais e métodos é uma prática que pode ser simplória, simples, complexa ou complicada. Magistas que são capazes de executar, testar, medir, e entender esses processos são, em

algum grau, metódicos, e talvez essa seja a característica que mais aproxima a magia da ciência.

CONSAGRAÇÕES EXISTENTES OU PRÓPRIAS

Como muitos paradigmas mágicos sugerem, a consagração pode ser entendida com duas posturas de magistas: o uso de processos desenvolvidos por outrem, ou o desenvolvimento próprio de processos de consagração.

Quando nos dispomos a ouvir “outras vozes”, isso inclui não só pessoas com vivências diferentes das nossas, mas espíritos, entidades, oráculos, deidades e etc.; estamos nos colocando em uma posição de receber, possivelmente em um estado de contemplação. Isso nos permite alimentar nosso repertório simbólico e aprofundar nosso entendimento do nosso paradigma. Nesse momento, a capacidade mágica é nutrida.

Quando nos dispomos a praticar, exercendo nossa vontade (mesmo que errando) e adotando uma postura crítica e assertiva sobre o que fazemos, como fazemos e em que podemos melhorar, isso nos permite viver a nossa arte mágica. Nesse momento a magia ganha força, e novos métodos podem se desdobrar daí, aprimorando o que foi aprendido na teoria por meio de uma prática própria, única.

Atrelar teoria e prática (a práxis) é um método intimamente mágico!

GRIMÓRIO

Os Grimórios Mágicos são uma forma de registrar fisicamente e tentar trazer para a mente consciente as informações que foram obtidas em gnose, captadas pela intuição ou recebidas diretamente via inconsciente. A própria ação de tentar descrever em palavras o que foi vivido em uma experiência mental e espiritual pode fazer com que percebamos elementos que antes não tínhamos nos dados conta, e muitas vezes permite encontrar as melhores palavras para dar sentido à experiência.

Além disso, no grimório (que também pode ser entendido como um diário mágico) fica registrado o progresso do treino mágico individual, e as informações podem se complementar entre horizontes de tempo aparentemente distintos. Uma peça do quebra-cabeça pode ter sido captada com um ano de diferença de outra peça, e somente por meio do grimório será possível montar o conjunto completo.



Com o uso de grimórios, as experiências se tornam replicáveis, e o magista passa a ter um cardápio de rituais desenvolvidos por ele ou adaptados de outros grimórios que melhor se adequam a seu arcabouço mental. Muitas

vezes, porém, o que serve para uma pessoa pode não servir para outras, então a leitura de um grimório de terceiros nunca pode ser feita de forma fria e exata, requerendo interpretações e reinterpretações constantes.

O grimório mágico deve conter datas e horários (que permitem uma melhor análise posterior do progresso do magista), e pode incluir informações que o praticante achar relevantes dentro de seu paradigma. Se o magista trabalha com planetas e signos, seria vantajoso fazer e registrar o mapa astral do horário do ritual. Se trabalha com entidades egípcias, seria vantajoso consultar o calendário Kemético. Se está sintonizado com as estações ou signos, seria vantajoso anotá-los. Se usa algum oráculo, seria vantajoso fazer uma consulta antes e/ou após o ritual para verificar as energias atuantes e a eficácia do rito.

Porém, como mencionado, o grimório deve ser customizado com base nos métodos preferidos pelo magista. Caso sejam utilizados oráculos ao início e ao final da prática, devem ser preparados campos específicos para registro dos resultados, e os sonhos nos dias próximos aos do ritual também podem ser anotados em campos específicos, etc.

O grimório pode ser feito com um caderno ou livro, pautado ou não, ou de forma digital em um arquivo de texto. O material usado e o valor gasto para se fazer um grimório não importam, o que importa é que o inconsciente do usuário tenha uma conexão com o instrumento de forma que confie em colocar ali suas impressões mais profundas, e de forma que seja influenciado pelo que foi escrito, promovendo experiências mais ricas com o passar do tempo. Caso desejado, pode ser realizada consagração a uma entidade de sua escolha, e de forma geral isso pode ser feito junto a seres relacionados à escrita como Nabu, Thoth, Hermes, Mercúrio, Dantalion.

CÍRCULO MÁGICO

Os círculos mágicos são utilizados para simbolizar a criação de uma área específica que potencializa, protege, isola e/ou transmuta uma parte do espaço-tempo para que possam ali ser feitos rituais. Embora o círculo mágico traçado (físico) possa ser visto por qualquer pessoa, o círculo mágico energético (astral), produzido a partir da ativação dos traçados ou durante sua confecção mediante intenção, é que tem significado a nível mágico. Alternativamente, um círculo mágico pode ser traçado apenas no astral, sem representação física. Apesar do nome, um “círculo” mágico pode inclusive ser quadrado ou hexagonal a depender da vertente.

Na confecção dos círculos, podem ser utilizados nomes de poder, nomes de deuses, anjos e demônios, palavras mágicas, símbolos e glifos. Ele pode ser dividido em níveis partindo do centro até a borda e/ou em seções representando direções cardeais, direções cardeais e colaterais, signos do zodíaco, entre outras divisões. Em diversos grimórios podem ser encontradas regras específicas de traçado para que sejam

feitos os círculos de poder daquela vertente. Dentro do círculo, a pessoa é o ponto central que irá canalizar e comandar aquela dimensão espaço-temporal criada - formando um circumponto -, e sua intenção será potencializada por estar ali dentro.

A forma clássica de se confeccionar um círculo mágico é o seu traçado diretamente no chão usando sal, giz ou tinta consagrados. O sal grosso tingido, a exemplo do que é usado nos tapetes de sal cristãos, pode ser uma opção para desenhar as linhas com fácil remoção posterior. A areia tingida, utilizada em mandalas tibetanas, também é uma opção. Considerando a praticidade, recentemente têm sido vendidos panos impressos ou pintados com diversos modelos de círculos mágicos mais conhecidos, que podem também ser confeccionados artesanalmente usando um tecido do tamanho desejado (ex: um lençol velho) e tintas consagradas.

Em uma outra visão, o círculo mágico pode ser traçado de forma menor, no altar, em uma mesa ou toalha, e entende-se que o magista não precisa estar em seu interior para que sua intenção ali esteja. Neste caso, pode ser utilizado um elemento em miniatura para simbolizar a pessoa dentro do círculo (uma peça de xadrez, um peão de jogo de tabuleiro, uma carta do Tarot, etc), e os demais elementos são manipulados ao seu redor conforme desejado.

BASTÃO, VARINHA

Os bastões e instrumentos similares como varinhas, cetros, baquetas, cajados, representam de forma geral a intenção focada e direcionada para um objetivo. Por meio da hábil mão do praticante, o ritual é regido como uma orquestra, e as energias se posicionam de formas propícias comandadas de acordo com movimentos. A intenção direcionada também significa que não há espaço para inseguranças, pois naquele momento a pessoa tem o controle da situação, e o comando sobre seu microcosmo influenciando o macrocosmo.

No Egito, o cetro de Seth permitia aos governantes mostrarem que podiam incisivos como o ar do deserto, e Esculápio

comandava que os corpos se regenerassem com seu bastão que até hoje está na insígnia dos médicos. No âmbito de Hermes e Mercúrio o caduceu tomou também ares de elemento comunicador. No Tibet os dorjes (ou vajras na Índia) eram cetros representando o trovão, e tanto Zeus quanto Baal possuem instrumentos parecidos. As volvas utilizavam suas varinhas para lançar feitiço na magia Seidr, e alguns selos rúnicos se chamam Gadrastalfir pois deviam ser desenhados em (ou com) bastões mágicos. Varinhas de fiar também são elementos interessantes pois permitem tecer os destinos enquanto se tecem fios.



A confecção do bastão pode variar da mais simples à mais complexa, utilizando madeiras comuns ou específicas, com ou sem cerne, com ou sem trançados de cobre e pedras e penas para aprimorar seu significado energético.

Opções mais fáceis de confecção que podem ser citadas seriam o uso de galhos, lápis, arames, ou outros objetos longilíneos que a pessoa sinta que possam ser consagrados para esta finalidade. Podem ser desenhados símbolos referentes aos deuses de consagração, e alguns exemplos de divindades que podem ser citadas para se consagrar o bastão incluem Seth, Hermes, Zeus, Baal e as Nornes. O naipe de paus no Tarot também pode ser utilizado em combinação com a varinha física.

ESPADA, FACAS, ATAME

A espada representa o fio cortante da mente de uma pessoa, evitando que as energias saiam de controle e racionalizando as partes de um rito que precisem ser racionalizadas. São citadas em diversos grimórios as facas de cabo preto ou branco, muitas vezes com inscrições específicas no cabo e na lâmina. Temos também a figura do atame, artavus, arthame ou athame, que seriam similares à adaga, além das facas mágicas Kris da Malásia que eram estudadas por Gardner quando este inaugurou sua vertente.

Mitologias sobre espadas e adagas mágicas são numerosas, e certamente os Ciclos Arturianos e as lendas de Sigurg (ou Siegfried) com o dragão metamorfo Fafnir são apenas algumas das mais famosas. Os espíritos de facas do Egito auxiliavam no cumprimento da lei divina de Maat quando algum ser espiritual saía dos eixos. É interessante observar que em muitos textos antigos se diz que os demônios são alérgicos ao ferro, e também que em vários deles é especificado que a lâmina da adaga seja feita deste material. O ferro tem um dos mais estáveis núcleos na tabela periódica, impedindo que reações em cadeia ocorram (por exemplo no interior de estrelas), e exatamente por isso ele é um dos elementos mais abundantes na crosta terrestre e em outros planetas.

Uma opção simples para a confecção da “espada” é o uso de uma faca, que pode ser gravada com símbolos mágicos no cabo e na lâmina dependendo da vertente escolhida. Opções mais elaboradas podem se tratar de adagas feitas exclusivamente para finalidades mágicas, e sabe-se que Tutankhamun tinha uma adaga feita com ferro de meteorito entre seus pertences. O naipe de espadas no Tarot também pode ser utilizado em combinação com a espada física.

CÁLICE, FRASCO

O cálice, taça ou copa representa o elemento água por sua conexão com o consumo de bebidas, mas pode também estar relacionado à ebriedade no que se refere a bebidas alcoólicas,

ou a efeitos mágicos com poções, venenos, remédios e óleos. O frasco também pode ser conectado a tais líquidos, embora tenha uma função mais de armazenar do que propriamente de permitir o consumo.

Entre as aparições míticas do cálice contendo líquidos especiais, podem ser citadas: o Santo Graal, contendo o sangue de Cristo (inclusive citado em histórias sobre grupos que teriam devotado sua vida a procurá-lo); o Soma que poderia conferir poderes divinos na Índia, o Néctar consumido junto à Ambrosia dos deuses gregos; a taça com o Kykeon de Deméter; e o Hidromel que conferia inspiração poética nos mitos Nórdicos. O cálice de esmeralda de Lúcifer, o cálice da poção de Samael e o cálice com veneno citado na história de São Bento são outras menções com forte significado ritualístico.



Um cálice pode ser utilizado nos ritos de “trazer a lua para baixo”, quando o líquido que reflete a lua fica embebido dos poderes lunares, e também pode ser empregado no preparo de elixires de cristais.

No caso dos cristais que se dissolvem ou se alteram em contato com a

água, um frasco transparente contendo apenas o cristal pode ser colocado dentro de um recipiente ou taça contendo a água em si, sem que esta entre em contato com o cristal. Um copo ou frasco transparente contendo água pode ser colocado sobre um sigilo, carta de Tarot, entre outros símbolos, para que a

água seja imbuída de seu poder. O naipe de copas no Tarot também pode ser utilizado em combinação com a taça física.

PANTÁCULO, MEDALHA

Um pantáculo é um símbolo mágico geralmente gravado ou desenhado em uma superfície física como um pedaço de pergaminho ou papiro, uma moeda de metal, uma ficha de madeira, uma bolacha de cera, entre outras. Simplificações possíveis incluem o uso de papel comum, para confecção dos pantáculos.

Além da adaptação de materiais, existe um certo dissenso sobre o uso dos pantáculos em alguns grímórios antigos, podendo ser entendido, dependendo da tradução, que o pantáculo deve ser derretido (no sentido de “confeccionado”) no dia e hora propícios, ou que o pantáculo deve ser derretido (no sentido de “destruído no fogo”) naquele dia e hora. De qualquer forma, ambos os entendimentos envolvem o uso de uma medalha consagrada onde foi gravado o símbolo correto. Muitas vezes cores e materiais são definidos no grímório, e os dias e horas para confecção podem estar definidos ou ser escolhidos pela janela astrológica propícia.

Moedas com desenhos e efígies podem ser ressignificadas para simbolismos mágicos, e de fato muitas das moedas antigas (dracmas, denarius, ashrafi), sendo elas comemorativas ou não, apresentam símbolos hoje considerados mágicos - o farol de Alexandria, os deuses de cada cidade, os nomes de reis protegidos por divindades. Medalhas também podem ter esta utilização, dependendo do simbolismo desejado. O naipe de ouros no Tarot também pode ser utilizado em combinação com a moeda física.

CALDEIRÃO

Caldeirões podem servir para queimar e ferver ingredientes, e neste caso as energias trabalhadas podem ser a dos próprios ingredientes. Porém o caldeirão em si é abordado em diversas



mitologias, com significados que também podem ser aproveitados.

Entre os exemplos podem ser citados o caldeirão da inspiração poética da deusa Cerridwen, o caldeirão da ressurreição "Pair Dadeni" do conto de Branwen, os caldeirões contendo ouro dos Leprechauns, e os caldeirões onde são preparadas poções em

Macbeth, além é claro do caldeirão de Circe. Há lendas chinesas onde os caldeirões conferem poder sobre as terras, e são citadas jornadas para buscar caldeirões encantados.

Podem ser utilizados no caldeirão incensos, frutos, ervas, óleos essenciais, ingredientes de origem animal, e quaisquer elementos que não gerem gases tóxicos ou o oxidem demasiadamente. Caso a queima seja o objetivo principal, este instrumento pode ser substituído por um rechaud, um pires de vidro temperado ou uma pequena placa de mármore, sendo apenas ajustado o fluxo de ar no ambiente.

ESPELHO

O espelho mágico pode ser feito de materiais que reflitam minimamente a luz como por exemplo metais polidos (método de confecção comum no Egito e Etrúria) ou pode se tratar de um espelho convencional. Pode ainda ser feito de obsidiana, trazendo para o instrumento energias vulcânicas e de acesso ao submundo que podem ser ativadas ritualisticamente. Outra opção é que o espelho seja uma simples superfície revestida com uma tinta brilhante, perolada ou escura (se tornando um espelho negro), ou ainda papel laminado.

O método de ativação do espelho pode variar conforme a vertente, e neste sentido Franz Bardon (em seu livro *Magia Prática - O Caminho do Adepto*) indica uma técnica simples e eficaz que é a consagração por meio de um condensador fluídico espalhado sobre sua superfície. O condensador fluídico é preparado utilizando álcool e ervas escolhidas de acordo com o simbolismo desejado, e permite que o espelho seja usado para: (i) ver através do tempo e do espaço; (ii) trazer energias dos planos espirituais; (iii) facilitar a projeção para outros planos; (iv) contactar energias e entidades; e (v) influenciar pessoas à distância.

A mitologia referente a espelhos mágicos pode ser vista de relance em fábulas famosas, como aquelas que influenciaram Branca de Neve e Alice Através do Espelho. No campo científico, espelhos têm sido utilizados como meio para trazer fótons virtuais ao mundo real, o que curiosamente se encaixa na simbologia metafísica. Ao olhar fixamente para o espelho em estado de gnose, a mente pode visitar outros planos e captar informações, o que é visto por exemplo nas práticas de Skrying.

ÓLEO, SAL, INCENSO, VELA

Óleos de aroma neutro, sal grosso ou refinado, carvão e gomas, cera ou parafina, podem servir de veículos para a elaboração de óleos, sais, incensos e velas junto a outros ingredientes e pigmentos.

O significado mais comumente atribuído a estes materiais consumíveis (óleo, sal, incenso, vela) acaba sendo aquele trazido pela cor e pelos ingredientes utilizados em sua composição, mas a forma de apresentação também pode ser utilizada para emprestar alguns simbolismos interessantes ao ritual.

Óleos podem estar relacionados ao reino das águas, que rege sentimentos e emoções, permitindo influenciar estes aspectos. Sais podem ancorar energias e tratar do corpo físico mas também de bens materiais, por sua associação com a terra. Incensos podem ser relacionados ao ar, tornando o intelecto



mais sagaz e ativando a rapidez de raciocínio, enquanto as velas podem representar o fogo, fornecendo centelhas de criatividade e levando os pedidos ao mundo espiritual. Alternativamente, as regências do incenso e da vela podem ser trocadas, uma vez que ambos têm sua contribuição de fogo e ar.

Sendo assim, o simbolismo do veículo (terra, água, fogo, ar) pode ser aliado ao simbolismo dos ingredientes (ervas, flores, resinas, madeiras) e ao simbolismo das cores (trazidas por tintas e pigmentos) para elaborar óleos, sais, incensos e velas customizados para cada intento mágico. Como sempre, deve-se prestar atenção a possíveis alterações físico-químicas que ocorrem com a mistura dos ingredientes e com a sua queima.

CRISTAL, PEDRA

Cristais e pedras podem ser utilizadas de diversas formas na magia. Os poderes mágicos de um cristal ou pedra (rocha, minério, etc) podem ser aprimorados pela consagração e/ou programação para alinhar o objeto à intenção do ritual.

Entende-se que alguns cristais como o quartzo transparente podem ser programados para uma ampla gama de intentos, enquanto outros têm certas potencialidades, o que direciona melhor seu uso porém pode limitar os intentos dependendo do paradigma. Rochas vulcânicas podem ser ativadas com poderes de Hefesto, enquanto resinas fossilizadas (âmbar) não são propriamente cristais mas trazem aspectos de ancestralidade. Ametistas estão presentes em mitos de Baco, e diz-se que poderiam curar ebriedade.

Outra utilização interessante de pedras é a confecção de tabuletas que podem ser pintadas ou entalhadas com textos e símbolos sagrados. Argila pode ser utilizada para confeccionar tábuas nos moldes sumérios, e uma placa rochosa pode ser utilizada para obter visões no método descrito por Crowley no Liber 418. Cristais podem ser utilizados para skrying como feito por Dee e Kelley, e pode ser até melhor o uso de cristais com inclusões e imperfeições, pois a mente poderia viajar encontrando imagens nas falhas do cristal. Uma vela, incenso ou sigilo colocados atrás do cristal também proveem um método interessante para skrying.

OUTROS INSTRUMENTOS



Além dos instrumentos classicamente citados na magia, existem grimórios e vertentes que citam outros de usos muito específicos. Existem ainda mitologias que

abordam instrumentos de poder dos deuses, que podem ser usados como inspiração para elaborar instrumentos consagrados aos mesmos.

No grimório Magical Calendar, são abordados 8 instrumentos mágicos dos patriarcas: a femoralia, a túnica, o cingulo, a tiara, a estola, o avental, o intelecto (representado possivelmente por um livro) e a placa de ouro. Terços, rosários, aspersor, tríbulo e sinetes também são velhos conhecidos das vertentes hebraico-cristãs. Em outras vertentes existem instrumentos historicamente conectados à ritualística como as roupas de sacerdotes, japamalas, chocalhos, tambores, instrumentos de mumificação, entre outros. O significado arquetípico desses objetos é mais diretamente compreendido, analisando-se o contexto ritualístico no qual se inserem.

Hécate tem centenas de formas e epítetos, e cada uma pode ser representada por objetos diferentes, como chicotes, chaves (também aplicáveis a Janus), foices (também aplicáveis a Deméter e Cronos), tridentes (em sua forma Einalia, também aplicável a Poseidon), tochas e archotes, etc. Estas e outras divindades gregas e romanas têm seus instrumentos de poder que podem também ser consagrados: o martelo de Hefesto, o arco e flechas de Ártemis, a maçã dourada de Éris. Deuses indianos, sumérios, egípcios, chineses, japoneses, e de cada uma das mais de 300 etnias originárias do Brasil, por exemplo, também possuem seus instrumentos de poder.

Instrumentos relacionados a atividades com potencial mágico já foram e podem continuar sendo ressignificados como elementos de poder: colheres de pau que auxiliam na culinária mágica, rodas, bastões e agulhas de fiar para tecer o espaço-tempo, vassouras que promovem o poder de voar, pilões que permitam macerar ervas e sementes.

Outros instrumentos variados podem ser consagrados para auxiliar em intentos mágicos: ampolhetas e relógios, máscaras, berrantes, cornucópia, pederneiras, sinetes, instrumentos musicais, pêndulos, piões, anéis, colares, abanos, abanilhos, leques... Basta analisar o que se faz com aquele instrumento na vida “profana”, ampliar o significado analisando os aspectos emocionais, mentais e espirituais relacionáveis, e carregar o objeto com a intenção (possivelmente consagrando-os a uma divindade).

Por: G. Costa e Husky.

Referências Bibliográficas: S.L. MATHERS - As Clavículas de Salomão; FARRAR, J. e FARRAR, S. - A Bíblia das Bruxas; CUNNINGHAM, S. - O Livro das Sombras; BUCKLAND, R. - O Livro Completo de Bruxaria; REGARDIE, I. - A Golden Dawn; BANZHAF e THELER - O Tarô de Crowley; D'ESTE, S. e RANKINE, D. - Origens Mágicas da Wicca; BARDON, F. - Magia Prática.